

Nota de abertura

No dia 21 de Dezembro de 2012, a expectativa de um fim do mundo – tão espectacular quanto improvável – foi vivida à escala planetária. Entre terrores genuínos e um irónico ambiente de festa, a data fatídica passou sem incidentes, e profecias de novas datas para uma destruição do planeta começaram imediatamente a surgir.

O que é o fim do mundo? Um juízo universal da humanidade, conforme dizem os textos vetero- e neotestamentários? Uma catástrofe ecológica, global e iminente, provocada pelo homem? A alegoria de um mundo que perdeu as suas (meta)narrativas, vogando sem verdade e sem destino, após Auschwitz e Sarajevo? O pretexto para a sedução do espectáculo, entre filmes-catástrofe e um delicioso imaginário da destruição? Ou o confronto de cada qual com a sua morte própria? Por que nos fascina e aterroriza este tema milenar, nunca resolvido – e o que temos a ganhar com a exploração do nosso próprio terror?

Para estudar o imaginário do fim do mundo, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde 2013, uma série de seminários abertos, coincidindo com os equinócios e os solstícios. Os libretos *Materiais para o Fim do Mundo* recolhem alguns ensaios apresentados nesses seminários, ou textos afins. Neste sexto libreto, David Pinho Barros relê *A Estrela Misteriosa* de Hergé (1942), interrogando a importância da perspectiva humana e sua escala (de que tamanho é uma aranha ou um cogumelo no fim do mundo?), com a Segunda Guerra Mundial como inevitável referência tácita; José Bértolo estuda os filmes do «ciclo bretão» de Jean Epstein – de *Finis Terræ* (1929) a *Les Feux de la Mer* (1948), analisando as linhas de fronteira entre terra, mar e céu, mundo natural e mundo humano, realidade e linguagem, literatura e cinema; e Luís Mendonça recorda um argumento de cinema escrito por James Agee em 1945, proposto a Charles Chaplin, mas nunca realizado: *the tramp* sobrevive a uma guerra nuclear de proporções apocalípticas, recusa o progresso científico que conduz afinal à morte da civilização, e parte, eternamente sozinho, pela estrada do crepúsculo.

Pedro Eiras